

# O papel da Igreja no serviço de desenvolvimento

*Carlos Gilberto Bock*

## Resumo

---

O estudo busca mostrar que as igrejas se engajam em serviços de desenvolvimento a partir de uma perspectiva própria. Acentua-se que esta perspectiva está teologicamente fundamentada, e que esta fundamentação põe em correlação os termos “missão”, “diaconia” e “desenvolvimento”. As igrejas assumem serviços de desenvolvimento, pois entendem como uma tarefa diaconal a construção

de paradigmas de desenvolvimento orientados para a paz, justiça e integridade da criação, além de entenderem-se chamadas a influenciar as estruturas de poder em favor de relações justas entre pessoas e povos, e proporem um modelo de desenvolvimento condizente com a fé cristã, a qual compromete com uma nova visão de mundo.

## Resumen

---

El estudio busca mostrar que las iglesias se comprometen en servicios de desenvolvimento a partir de una perspectiva propia. Se acentúa que esta perspectiva está teológicamente fundamentada y que esta fundamentación pone en correlación los términos “misión”, “diaconia”, y “desenvolvimento”. Las iglesias asumen servicios de desenvolvimento, pues entienden como

una tarefa diaconal la construcción de paradigmas de desenvolvimento orientados para la paz, justicia e integridad de la creación, además de entenderse llamadas a influenciar las estructuras de poder a favor de relaciones justas entre personas y pueblos, y proponer un modelo de desenvolvimento condis con la fe cristiana, la cual compromete con una nueva visión del mundo.

## Abstract

---

This study seeks to show that the churches become involved in development services based on their own perspective. One needs to emphasize that this perspective has a theological base and that this base correlates the terms “mission”, “diaconate” and “development”. The churches take on development services because they understand that the

construction of development paradigms oriented toward peace, justice and the integrity of creation is a diaconal task. Aside from this they feel called to influence the power structures in favor of just relationships between people and nations, and to propose a model of development that is coherent with the Christian faith which is committed to a new world view.

## Introdução

O envolvimento da Igreja no trabalho de desenvolvimento ainda está longe de ser consensual. A intenção do presente texto não é fazer a apologética do compromisso da Igreja com o serviço de desenvolvimento, até porque estamos reunidos num seminário com pessoas que representam igrejas que já têm um envolvimento com o tema. Tomo, portanto, como pressuposto que o serviço de desenvolvimento faz parte da missão da Igreja. Esta definição *a priori* indica o enfoque da presente apresentação.

As igrejas cristãs, de modo geral, já têm um histórico de participação em serviços de desenvolvimento, seja individualmente (famílias confessionais), seja ecumenicamente (sobretudo a partir da criação do Conselho Mundial de Igrejas). Qualquer abordagem sobre o tema precisa, portanto, levar em conta esta experiência adquirida. Essa experiência, contudo, varia de Igreja para Igreja, de região para região e de país para país.

Não obstante a experiência já acumulada, estão surgindo novos desafios que exigem novas respostas e ações. Vivemos num momento de final de século e de milênio, com rápidas transformações em nível global e com repercussões profundas para as nações. Essas transformações, sem dúvida, têm relações

profundas com o tema do desenvolvimento e, por consequência, com a missão das igrejas.

Neste momento de rápidas transformações, novos e antigos atores estão se ocupando com o tema do desenvolvimento, ou seja, Estados ou Governos, Organismos e Agências Internacionais, Fundações e ONGs, só para citar alguns dos mais importantes. Entre esses atores também podem-se incluir as igrejas cristãs. Porém a simples inclusão das igrejas no rol desses atores suscita algumas reações contrárias, principalmente em relação à sua competência técnica para poder contribuir efetivamente para o trabalho de desenvolvimento.

Deve-se, de fato, admitir que o serviço de desenvolvimento é um dos aspectos da missão da Igreja. Pode-se argumentar que se trata de um aspecto importante. A Igreja, contudo, tem uma identidade e missão próprias que a distinguem de outros atores. O compromisso e o envolvimento da Igreja com o desenvolvimento são uma consequência de sua identidade primeira que é testemunhar o amor de Deus pela humanidade e pela criação. Portanto, quando a Igreja se envolve com o serviço de desenvolvimento, ela o faz a partir de uma perspectiva própria.

### 1. A questão de fundo: a relação entre missão e desenvolvimento

Não é a intenção deste texto propor uma definição de missão para a Igreja. Trata-se de um tema amplo e complexo, que exige um tratamento mais adequa-

do, o que não é o caso aqui. De qualquer forma, a Igreja é constantemente desafiada a refletir sobre a sua missão no contexto onde atua, ou seja, enfrenta o de-

safio de traduzir o conteúdo do evangelho para o tempo de hoje, na língua (cosmovisão) e na cultura das pessoas com as quais trabalha.

O compromisso com o desenvolvimento ou o apoio a serviços de desenvolvimento por parte da Igreja se dá no contexto maior da missão da Igreja, ou seja, a Igreja se envolve com o serviço de desenvolvimento porque acredita que se trata de um aspecto importante de sua missão. Esta relação, porém, deve constantemente ser explicitada, a fim de que não se incorra em um duplo reducionismo: de um lado a missão corre o risco de ser compreendida apenas como uma tarefa espiritual e, portanto, dissociada das condições materiais das pessoas; de outro lado o desenvolvimento pode ser entendido apenas do ponto de vista material, dissociando-se assim de qualquer relação com a fé e com os valores do Espírito de Deus.

Ao se envolver com o tema do desenvolvimento, a Igreja certamente o faz consciente de que tem contribuições a oferecer para a sociedade, bem como também terá benefícios com esse envolvimento. Esta relação tão importante, para ambas as partes, necessita, portanto, estar na agenda das igrejas para receber a adequada fundamentação teológica, bem como encontrar o necessário apoio eclesial para a organização e a valorização desse serviço. Não raras vezes o serviço de desenvolvimento foi considerado um trabalho quase paralelo às igrejas, ou seja, não estava integrado às mesmas. Esta situação de fato não ajuda para uma melhor compreensão, tanto da missão como do desenvolvimento, por parte das igrejas. Portanto, quando se fala da necessidade de (re)fundamentar teologicamente o serviço de desenvolvimento da Igreja, também deve-se

perguntar pelo seu lugar na organização ou estrutura da Igreja. Ajuda, neste caso, se o serviço de desenvolvimento não é considerado um trabalho paralelo, mesmo que não vise, num primeiro momento, o crescimento numérico da Igreja.

Mais recentemente, com o crescimento e a melhor organização do serviço diaconal nas igrejas, o serviço de desenvolvimento pode encontrar um espaço adequado para interlocução e cooperação. Mas também aqui existe o desafio de se definir melhor o que é diaconia e o que é desenvolvimento, pois embora haja muitas possibilidades de encontro entre estes dois campos, também deve-se dizer que um não pode ser reduzido ao outro. Quando a Igreja se envolve com o serviço de desenvolvimento, necessariamente ela o faz a partir de seu compromisso diaconal. Isso significa que quando a Igreja promove o desenvolvimento, ela está promovendo diaconia. Por outro lado, ao promover a diaconia, a Igreja está promovendo algum modelo de desenvolvimento. Por isso é tão fundamental para a Igreja ter clareza sobre a sua atuação e proposta diaconal.

A partir da práxis diaconal latino-americana, podemos afirmar que existem diferentes modelos e metodologias diaconais, que estão em diálogo e/ou em conflito entre si:

– *Diaconia institucional*: É a prática diaconal que privilegia a atuação em instituições. Instituições diaconais são criadas com a finalidade de oferecer mais dignidade e qualidade de vida a pessoas que precisam do cuidado, temporário ou permanente, de outros. Exemplos deste tipo de diaconia são os lares de idosos, creches e albergues. A característica da diaconia institucional é que ela tem como tarefa primordial solucionar o problema imediato do público ao qual atende. Isso

não exclui a possibilidade de que seu trabalho venha a atingir um alcance social mais amplo, mesmo que sua ação esteja limitada a um público restrito.

– *Diaconia comunitária*: É a prática diaconal que nasce da vivência cristã comunitária e que busca atender as necessidades de pessoas e/ou grupos que, direta ou indiretamente, têm relação com essa comunidade. É a prática diaconal que busca testemunhar a fé cristã de forma prática e comunitária e que, além do bem que produz, resulta no fortalecimento da própria vivência comunitária.

– *Diaconia social*: É a prática diaconal que procura responder aos desafios da miséria e do sofrimento humano, presentes nas mais variadas formas na vida social. Independentemente do público envolvido ou da área de trabalho,

a diaconia social procura ajudar esse público a compreender e participar das políticas públicas, com vistas a possibilitar-lhe acesso e influência nas instâncias de decisão e poder.

Cada modelo de diaconia acima mencionado tem uma correspondente visão de desenvolvimento, que nem sempre está explicitada. Longe de querer esgotar este assunto, o objetivo deste texto, neste instante, é chamar a atenção para a necessidade de se buscar uma maior sistematização e aprofundamento da reflexão sobre a relação entre missão, diaconia e desenvolvimento. Sem esta necessária reflexão, as igrejas terão muito mais dificuldades de trazer uma contribuição própria para o serviço de desenvolvimento.

## 2. O serviço de desenvolvimento na perspectiva da Igreja

2.1. As igrejas são chamadas a se empenhar pela construção de novos paradigmas de desenvolvimento, que estejam centrados na promoção da vida humana, de relações internacionais justas entre os povos e que zelem pela integridade da criação.

O atual processo de globalização parece ser irreversível. As igrejas, contudo, devem participar ativamente, e de forma crítica, no debate acerca do(s) modelo(s) de desenvolvimento que subjaz(em) ao atual processo de globalização em curso, apontando para aqueles aspectos que colocam em risco a integridade da criação, que ameaçam as relações justas entre os povos e a vida

das pessoas. As igrejas podem, sobretudo, contribuir para uma melhor compreensão das questões éticas envolvidas no atual processo de mudanças globais (exemplo: Campanha Jubileu 2000).

Existe vasta literatura sobre o tema do desenvolvimento, em nível mundial. Existem também conceitos e compreensões de desenvolvimento bastante diferenciadas. É importante que as igrejas, ao se envolverem com o trabalho de desenvolvimento, possam ter uma compreensão conceitual dos diferentes modelos que estão em disputa. As igrejas devem simultaneamente buscar aprofundar a reflexão e fundamentação teológica para o seu envolvimento com o trabalho

de desenvolvimento. Este esforço necessariamente precisa ser feito em diálogo com outras ciências, ou seja, de forma interdisciplinar. O serviço de desenvolvimento da Igreja precisa estar bem fundamentado numa reflexão teológica que ajude tanto as pessoas de dentro como as de fora da Igreja a entender os motivos para o seu envolvimento. Por meio dessa fundamentação as igrejas também devem buscar explicitar quais são os seus conceitos sobre desenvolvimento.

**2.2.** As igrejas são chamadas também a buscar influenciar as estruturas de poder das sociedades, tanto em nível internacional como nacional, tendo em vista a defesa e promoção de relações justas entre pessoas e povos. Trata-se, sem dúvida, de uma tarefa permanente para as igrejas, pois diz respeito à sua própria missão. Esta tarefa, contudo, deve ser compreendida a partir de uma série de condicionantes que limitam a influência das igrejas sobre as estruturas de poder. Um exemplo concreto diz respeito ao peso numérico das igrejas protestantes históricas na América Latina, cuja presença – e, portanto, influência – é minoritária. As igrejas, para ter uma presença e participação mais efetiva nas sociedades, devem trabalhar ecumenicamente e procurar fortalecer redes de solidariedade.

**2.3.** As igrejas são chamadas a colocar sinais daquilo que acreditam ser um modelo de desenvolvimento condizente com a fé cristã. Os projetos de desenvolvimento apoiados pelas igrejas deveriam desenvolver, na prática, os valores propostos pela fé cristã. Os projetos de desenvolvimento apoiados pelas igrejas deveriam ter, neste sentido, uma função

modelar e educativa. Exemplo deste tipo de projetos são:

- projetos que se colocam em defesa da justiça e dos direitos humanos;
- projetos que promovem grupos excluídos, bem como minorias sociais, para ajudá-los a atingir maior autonomia e participação na sociedade;
- projetos que promovem a capacitação de homens e mulheres para que possam ter relações mais afetivas e de valorização mútua.

**2.4.** As igrejas têm a missão de influenciar e ajudar a desenvolver a consciência espiritual, intelectual e moral dos indivíduos. A fé cristã autêntica desperta nos indivíduos o “novo homem” e a “nova mulher” comprometidos com uma nova visão de mundo, a partir da fé em Deus. Apesar de a fé cristã necessariamente exigir uma resposta individual, a prática ou a vivência desta fé precisa necessariamente estar relacionada com uma comunidade de pessoas que também reconhecem em Deus o Senhor e Redentor. As comunidades cristãs reúnem pessoas que já experimentaram o perdão e o amor de Deus e, por isso, podem praticar o perdão, o serviço e o amor junto ao próximo.

**2.4.1.** As igrejas são chamadas a testemunhar a ação primeira de Deus, que vem ao encontro das pessoas independentemente de seus méritos. Numa sociedade onde as pessoas valem pelo que têm e produzem, o anúncio da graça e do amor incondicional de Deus, independente de nossa produção ou méritos, deveria ter um alcance libertador em nível subjetivo e comunitário. O fato de Deus

nos incluir, antes mesmo de qualquer mérito nosso, desafia-nos a que na prática possamos ser comunidade inclusiva, também daqueles que são diferentes de nós.

2.4.2. A comunidade cristã é a congregação de pessoas que se reconhecem justificadas (justas) por Deus e, ao mesmo tempo, são pecadoras que necessitam do renovado perdão de Deus. Por extensão, em nível comunitário, o reconhecimento das fraquezas mútuas deve conduzir ao mútuo fortalecimento e à mútua ajuda. Ao experimentar perdão e

reconciliação, a comunidade cristã é desafiada a viver na prática o perdão e a reconciliação.

2.4.3. “A comunidade cristã, mediante o amor de Deus, experimenta a liberdade evangélica. A liberdade evangélica libera todas as energias para o amor ao próximo e, portanto, também para a ação social. Mas ela permite a vivência da fé e da ação social fora de camisas de força uniformizantes, e pode dar espaço para a espontaneidade do louvor a Deus e do amor ao próximo.” (Walter Altmann.)

### **3. Tarefas e desafios para as igrejas no serviço de desenvolvimento**

3.1. O serviço de desenvolvimento não é uma tarefa que possa ser feita isoladamente pelas igrejas. Por isso, elas devem buscar e fortalecer parcerias, tanto em nível nacional como internacional, com outros atores sociais que compartilham de sua visão de desenvolvimento.

3.2. O serviço de desenvolvimento das igrejas dos países latino-americanos, assim como de outros continentes, em boa medida está dependente dos recursos da cooperação dos países mais ricos (Europa e América do Norte). Esta dependência financeira contínua não contribui para um amadurecimento e um maior compromisso das comunidades locais e lideranças nacionais com projetos de desenvolvimento. O desafio das igrejas que recebem recursos de fora é buscar fortalecer a captação de recursos próprios para serviços diaconais e de desenvolvimento.

3.3. Como parte importante de sua missão, as igrejas têm o desafio de fortalecer os serviços de projetos que coordenam e acompanham projetos diaconais e de desenvolvimento. Para que o trabalho destes possa ser mais eficiente e eficaz é necessário colocar à disposição recursos humanos, materiais e financeiros para uma melhor coordenação e resultado das atividades.

3.4. Para que as igrejas possam melhor realizar o serviço de desenvolvimento é necessário definir políticas e critérios de seleção, acompanhamento e avaliação de projetos diaconais e de desenvolvimento que possam ser reavaliados e aprimorados de tempos em tempos. É necessário privilegiar o planejamento para o trabalho de desenvolvimento, para sair de um nível reativo para uma postura mais positiva.

3.5. É necessário investir na formação e capacitação de pessoas (leigas e ordenadas) que possam liderar processos e programas de desenvolvimento nas diferentes áreas.

3.6. É preciso despertar o interesse de pessoas voluntárias, que estejam dispostas a dedicar parte de seu tempo, energia e talento em causas de defesa da justiça, do direito e da qualidade de vida de pessoas.

3.7. É necessário investir na comunicação e divulgação de iniciativas relacionadas ao trabalho diaconal e de desenvolvimento a fim de que o público mais amplo das igrejas e da sociedade abrangente possa estar bem informado sobre os diferentes programas que estão sendo implementados.

3.8. É necessário fortalecer o trabalho em redes (ações coordenadas entre si).

### **Bibliografia consultada**

ALTMANN, Walter. *A Igreja: agente de missão e desenvolvimento*. (Palestra apresentada na Consulta sobre “Missão e Desenvolvimento: Justiça, Paz e Integridade da Criação” – Porto Alegre, 18-25/09/94).

ARMANI, Domingos. *Diagnóstico participativo do Serviço de Projetos da IECLB*. Março de 1999. (Polígrafo).

BRAKEMEIER, Gottfried. *Serviço de Desenvolvimento: conceito, fundamentos, propostas*. São Leopoldo : Serviço de Elaboração de Material, 1987. 24 p. (Temas atuais da IECLB, 14).

CADERNOS DO CEDI 8. *Igrejas, desenvolvimento e participação popular*. (Consulta Latino-Americana sobre a “Participação das Igrejas em Programas e Projetos de Desenvolvimento”, Itaiçi, set. 1980). Rio de Janeiro : CEDI, 1981. 88 p.

DICKINSON, Richard. *Igreja e desenvolvimento*. São Paulo : Quatro Artes, 1970. 195 p.

Carlos G. Bock  
Rua Amélia Teles, 308 – ap. 204  
Petrópolis  
90460-070 Porto Alegre – RS